

formando cidadãos que irão produzi-la e reproduzi-la. Assim, o papel da Educação Física na escola deve estar atrelado à formação do cidadão emancipado DARIDO et. al., (2001 apud DARIDO 2002, pag.2).

As relações de Gênero estão fundadas nas diferenças biológicas entre homens e mulheres, em diversos espaços sociais, incluindo a escola. Assim conceitua Scott (1995 p. 89 apud Altmann e Sousa, 1999 pag.2), o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que "fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana".

Se os corpos assumem a organização social, a política e as normas religiosas e culturais, também, e, é por seu intermédio que se expressam as estruturas sociais. Desta forma, há uma estreita e contínua imbricação entre o social e o biológico, um jeito de ser masculino e um jeito de ser feminino, com atitudes e movimentos corporais socialmente entendidos como naturais de cada sexo (CONNEL, 1990 apud ALTMANN e SOUSA, 1999 pag.2).

Portanto, o processo de educação de homens e mulheres supõe uma construção social e corporal dos sujeitos, o que implica - no processo ensino/aprendizagem de valores - conhecimentos, posturas e movimentos corporais considerados masculinos ou femininos.

Com relação as aulas de Educação Física, separar meninos e meninas nas aulas é estabelecer uma divisão polarizada entre gêneros; é exagerar uma condição de gênero das diferenças entre as pessoas, desconsiderando variações no gênero e considerando apenas diferenças como importantes numa aula; é tornar as fronteiras das divisões de gênero mais rígidas do que de fato são, e negar aos meninos e meninas a possibilidade de cruzá-las; é furtar-lhes de antemão, a possibilidade de escolha entre estarem juntos ou separados (ALTMANN, 1999, p.176 apud SANTOS et al, 2008 pag.2).

No que tange à questão do gênero, as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereotipadamente relações sociais autoritárias. (PCN's - BRASIL, 1997 apud ALTMANN e SOUSA, 1999).

Normalmente, nas aulas de Educação Física, o futebol é um dos esportes em destaque, o mais vivenciado, e, neste contexto, a relação de gênero é muito presente.

O futebol feminino sofre preconceitos, que em vários momentos e acabam sendo injustos e machistas. Hoje o futebol é vivenciado pelas meninas na escola, mas ainda é dominado pelos meninos que ocupam um maior espaço reservado para a prática esportiva tanto nas aulas de Educação Física quanto nos intervalos.

Mas esses preconceitos não são somente relacionados a questão de gênero, mas de gênero, idade, habilidades e muita competitividade, e não são apenas as meninas

que são excluídas, os menos habilidosos tanto meninas quanto meninos também são excluídos dos jogos.

Darido e Junior (2002, pag.3) discorrem sobre a exclusão nos esportes e, apontam características muito interessantes que revelam não ser o gênero o principal motivo de exclusão nas aulas de Educação Física e nos esportes, portanto nas aulas de Educação Física não só existe uma exclusão de gênero, existe também uma exclusão por habilidade.

No que se refere à intervenção docente, várias considerações podem ser feitas, dado o importante papel do professor na aula. Para Louro (1997 apud Altmann e Sousa, 1999, p. 7), as aulas de educação física representam uma situação constante e peculiar de exame, porém, é um equívoco dizer que a escola não faz distinções entre os sexos.

Sendo assim, os/as professores/as de Educação Física presentes como facilitadores do quê devem atuar de forma coerente, respeitando os níveis de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos em suas diferentes condições e faixas etárias, privilegiando o lúdico e as brincadeiras fazendo das atividades propostas prazerosas e motivantes, não esquecendo do fundamental, o importante é participar e favorecer a inclusão de todos.

São inúmeros os conflitos e as dificuldades dos educadores no enfrentamento das questões de gênero presentes na cultura escolar, especialmente nas aulas de educação física, pois se trata de valores e normas culturais que se transformam muito lentamente. E a falta de postura do professor de Educação física reforça o machismo no futebol escolar.

Não pode o professor de Educação Física de hoje continuar cometendo os erros de outrora, concretizando em suas aulas os estereótipos e preconceitos da sociedade. É preciso fazer da aprendizagem do futebol/futsal uma prática proveitosa e prazerosa às meninas, assim como fazer da aula um momento de reflexão sobre a construção histórica de papéis e as diferentes atribuições, podendo dessa forma reduzir a discriminação a cerca do futebol feminino.

Como os professores de Educação Física tem dificuldades em relacionar com a questão de gênero nas aulas, surge a pergunta: Como meninas e meninos constroem as relações de gênero no ambiente escolar?

Por essa razão, é importante que, no âmbito escolar, as questões de gênero sejam questionadas e discutidas. Nesse ínterim, o estudo do cotidiano escolar se coloca como fundamental para se compreender como a escola desempenha o seu papel socializador, seja na transmissão dos conteúdos acadêmicos, seja na veiculação das crenças e valores que aparecem nas ações, interações, nas rotinas e nas relações sociais que caracterizam a vivência escolar. É nesse ambiente que estão inseridas as aulas de Educação Física, nas quais “as identidades de gênero são continuamente formadas e, por sua vez, deformadas” (NAVARRO, 2007).

Este estudo busca deixar uma contribuição para a formação do cidadão, o que implica colocar-se contra preconceitos existentes no futebol escolar e mostrar as

dificuldades dos educadores ao relacionar a questão de gênero nas aulas de Educação Física.

Desta forma, os objetivos deste artigo são analisar os preconceitos relacionados as questões de gênero na prática do futebol feminino no ambiente escolar durante as aulas de Educação Física; verificar as expectativas das alunas pela prática mista; e, identificar as dificuldades dos professores de Educação Física em elaborar aulas de futebol para turmas mistas.

2 MÉTODO

TIPO DE PESQUISA

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e descritiva, onde, segundo Andrade (1997, p.27) “os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que haja interferência na pesquisa”.

AMOSTRA

O estudo foi realizado em uma escola do Ensino Fundamental da rede Estadual de Ibité – MG. A população estudada constituiu-se de alunas de cinco turmas cursantes da 8ª série e os professores de Educação Física do Ensino Fundamental.

Foram escolhidas seis alunas aleatoriamente de cada sala, totalizando 30 alunas e três professores de Educação Física de ambos os sexos, totalizando 33 participantes da pesquisa.

INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

O instrumento de medida foi uma entrevista semiestruturada com cinco questões para as alunas e quatro questões para os professores.

A pesquisadora realizou o registro manuscrito das respostas proferidas pelos entrevistados. Após o registro, a pesquisadora apresentou o seu conteúdo aos entrevistados para que eles pudessem alterar e/ou confirmar as informações contidas na transcrição, como processo de validação de seu conteúdo.

As alunas responderam a entrevista na sala de aula no horário do intervalo (recreio) e os professores participantes responderam a entrevista na sala dos professores, também durante o intervalo (recreio).

ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados através da estatística descritiva, que, segundo Martins e Donaire (1990, p.18)

trata-se daquela que tem por objetivo descrever e analisar determinada população sem pretender tirar conclusões de caráter mais genéricas, e expostos através de frequência e percentual.

CUIDADOS ÉTICOS

Foi emitida a escola um pedido de autorização para a realização da pesquisa. Todos os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ressaltando que a pesquisa possui o caráter anônimo e voluntário, prevalecendo neste momento à ética baseada na Resolução CSN 196/96 e nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos.

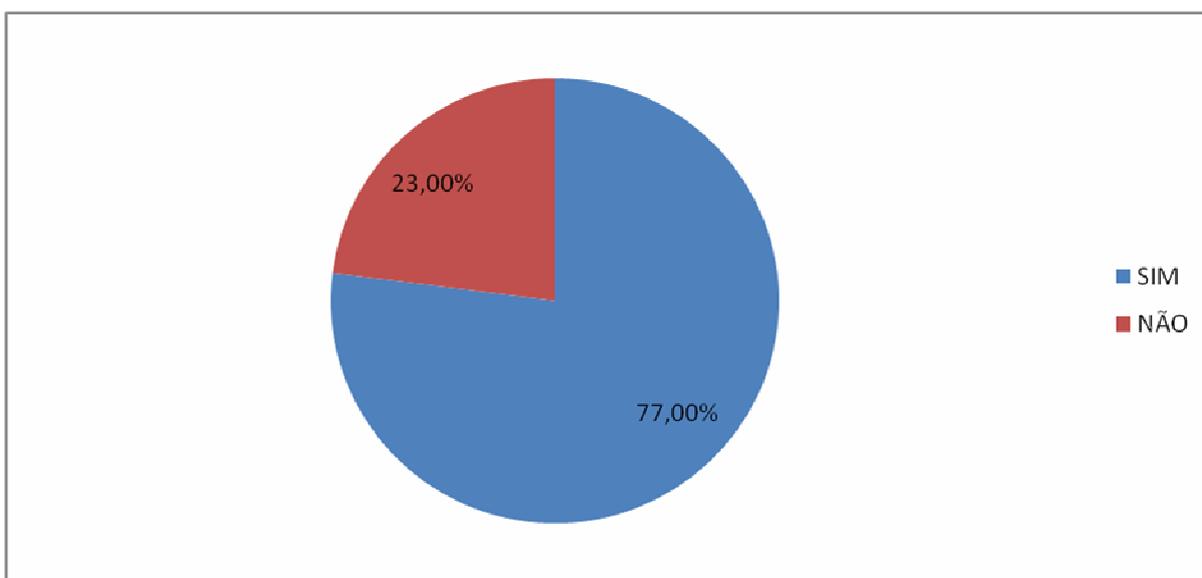
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a realização do estudo houve duas análises distintas a se fazer: a do corpo discente e a do corpo docente, deste modo, a composição dos resultados foi integralizada a partir das respostas das alunas e dos profissionais de Educação Física.

A seguir são apresentados os respectivos dados:

Resultados obtidos com as alunas

GRÁFICO 1 - Você já teve alguma experiência com o futebol / futsal nas aulas de Educação Física neste ou nos outros anos?



Fonte: Própria autora.

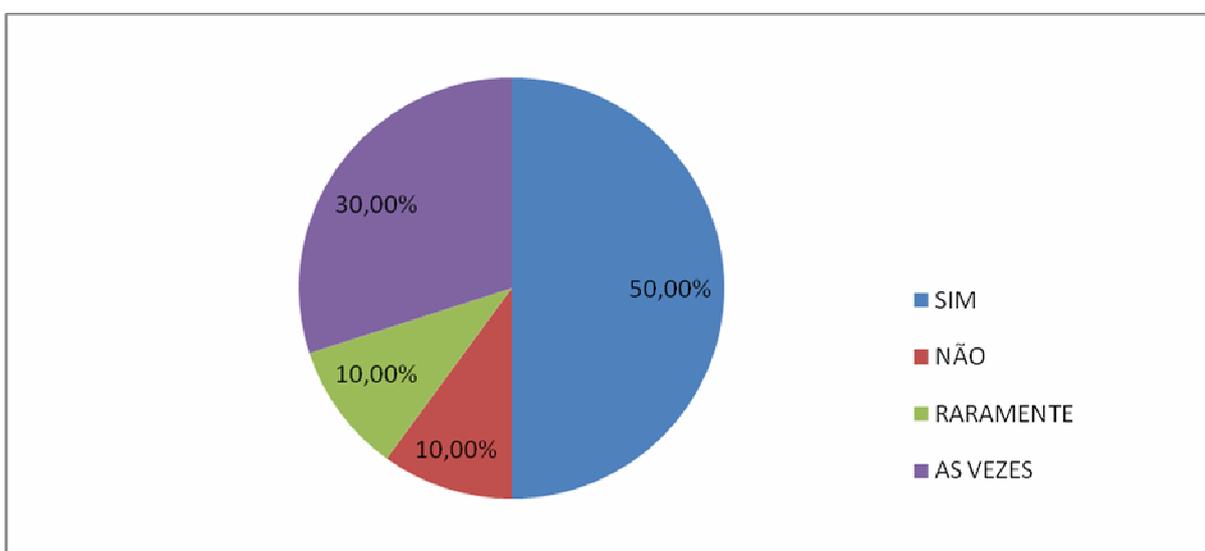
O resultado demonstra que a maior parte das participantes, 77% já passou por algum tipo de experiência com o futebol/futsal nas aulas de Educação Física escolar. Este resultado assume maior significância se comparado com os resultados de outros estudos.

Souza Jr. (1991 apud Darido; Junior 2002, p.5) procurou implementar um programa de futebol feminino para uma turma de 5.^a série no sentido de verificar as opiniões e as atitudes das garotas. Foi constatado em questão semelhante que, apesar da maioria das entrevistadas já terem experienciado o futebol, a escola não foi citada como o local desta prática. Em outro estudo, Tódaro (1997 apud Darido; Junior 2002, p.5) entrevistou jogadoras de futebol feminino com passagens pela seleção

brasileira, e novamente a escola não foi indicada como um dos locais da iniciação futebolística das mesmas.

Apesar do estudo de Tódaro (1997 apud Darido; Junior 2002, p.5) relativamente recente, os dados obtidos remetem à infância das jogadoras entrevistadas, o que significa tratar-se ainda da década de 1980, período no qual, apesar do futebol feminino ter a sua prática legalizada, não se tem conhecimento de manifestações regulares e efetivas desta prática com caráter recreativo ou educacional. Já o estudo de Souza Jr. (1991) encontra-se em um período mais próximo, mas ainda não caracterizado pelas mudanças que propiciaram a difusão e maior aceitação do futebol feminino nas suas variadas formas de manifestação (rendimento, lazer e educação).

GRÁFICO 2 - As meninas costumam jogar futebol / futsal nas aulas de Educação Física?



Fonte: Própria autora.

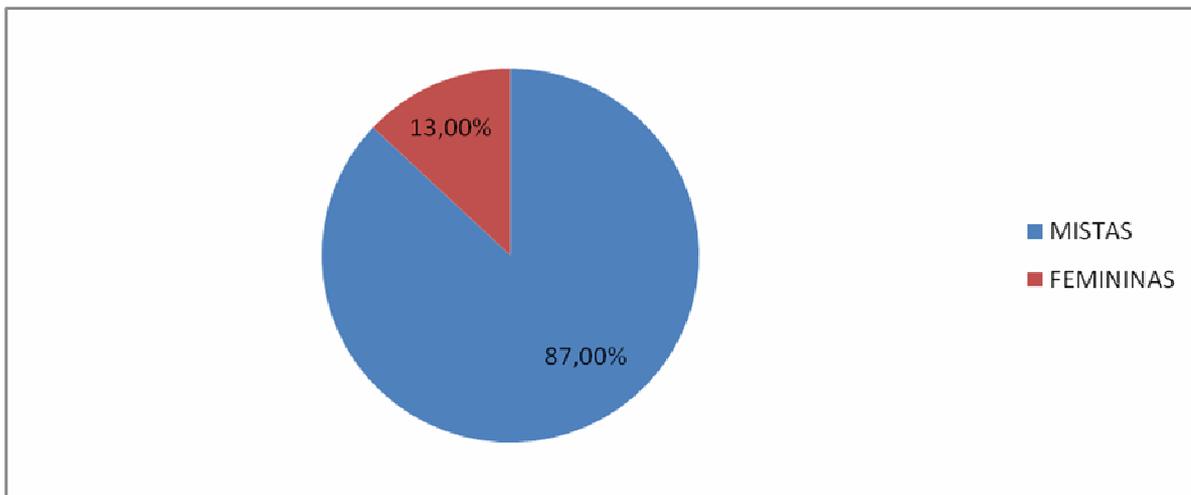
Além de confirmar os resultados da questão anterior, os dados do gráfico 2 representados através das respostas das alunas, pode-se constatar, que as meninas jogam futebol/futsal nas aulas de Educação Física, o que pode se considerar como uma atividade formal do componente curricular.

Já em um estudo mais recente. Souza Jr. (2000 apud Darido; Junior 2002, p.6) constata, ao entrevistar garotas com idades entre 11 e 14 anos que participavam de um torneio escolar de futebol feminino, que as entrevistadas recebiam apoio e incentivo de familiares e amigos, inclusive dos meninos da escola. Este apoio é muito importante para que as meninas sintam-se a vontade para jogar, atenuando os efeitos do preconceito, propiciando às meninas condições par que ocupem os espaços dentro da escola para a prática do futebol.

De acordo com Hirota et al (2006 apud Hirota; Ventura 2007, p.4), atualmente a busca da mulher pelo esporte vem crescendo, juntamente com o seu desempenho e a participação em competições. No futebol de campo não é diferente e a adesão das mulheres, ou seja, atletas do sexo feminino, tornou-se expressiva nos últimos anos. Podemos verificar o futebol feminino crescendo e sendo praticado em diferentes

estabelecimentos como escolas, escolas especializadas, clubes, empresas e até mesmo em universidades, nas quais as atletas visam a possibilidades de se profissionalizar.

GRÁFICO 3 - Como são compostas as turmas que jogam futebol / futsal em sua escola quanto ao sexo: somente os meninos jogam, há turmas exclusivamente femininas ou turmas mistas?



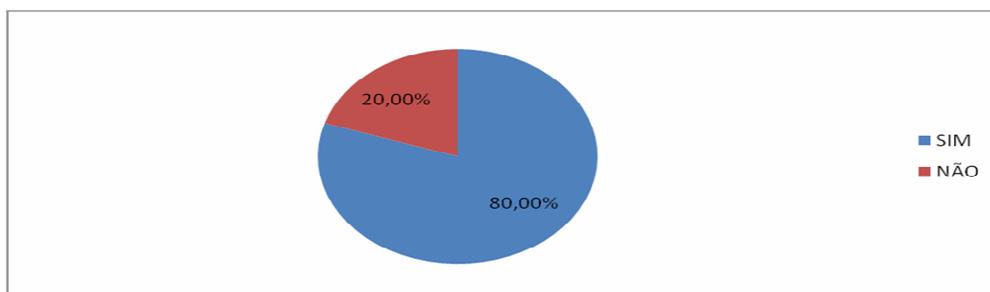
Fonte: Própria autora.

Pode se constatar que a maior parte das meninas, 87% da 8ª série, praticam futebol/futsal de forma mista.

Como afirma Goellner (2005 apud Furlan; Santos 2008, p.8), em um país como o Brasil, onde o futebol incorpora-se discursivamente à identidade nacional, é extremamente necessário pensar o quanto este é para as mulheres um espaço a ser conquistado, mas, sobretudo, é preciso ressignificar alguns de seus sentidos, impondo e afirmando que ele também lhes pertence, como um espaço de liberdade a todos.

A verdadeira motivação, segundo Parreira (2006 apud Hirota et al., 2008, p.4), é a chama interior que nos impulsiona rumo aos objetivos e, Hirota (2004 apud Hirota et al., 2008, p.4) nos lembra que o jogo de futebol deve sempre ser motivado, arriscando o novo, com o objetivo de formar cidadãos críticos e capazes, mas, fundamentalmente, que todos tenham as mesmas expectativas de aprender.

GRÁFICO 4 - As meninas que jogam futebol / futsal sofrem algum tipo de preconceito “comentários pejorativos ou gozações” na escola?

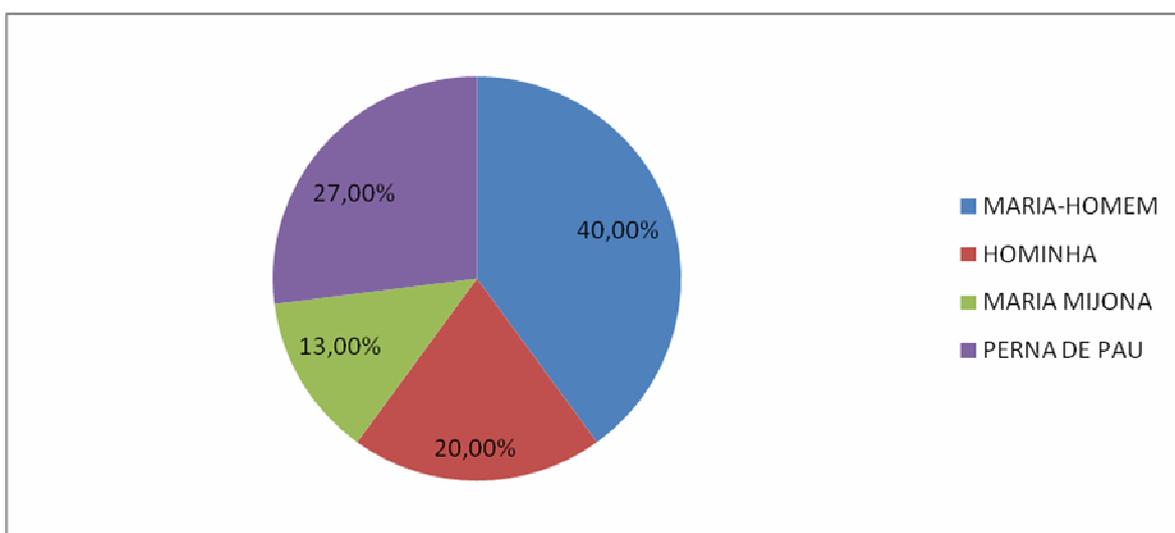


Fonte: Própria autora.

De acordo com os dados apresentados no gráfico 4 podemos concluir que 80% das alunas sofrem algum tipo de preconceito quando praticam o futebol/futsal na escola. Culturalmente, o esporte tem se apresentado como uma prática onde a masculinidade se comprova e na qual se aprende a valorizar o homem e a desvalorizar a mulher (LESSA, 2005).

Souza Jr. e Darido (2002 apud Hirota et al., 2008, p.4) complementam que certamente o principal empecilho para a prática do futebol feminino refere-se ao discurso preconceituoso e estereotipado transmitido ao longo do último século quanto a esta prática.

GRÁFICO 4.1 – Quais são tipos de preconceitos “comentários pejorativos ou gozações” sofridos pelas meninas que jogam futebol / futsal nas aulas de Educação Física?



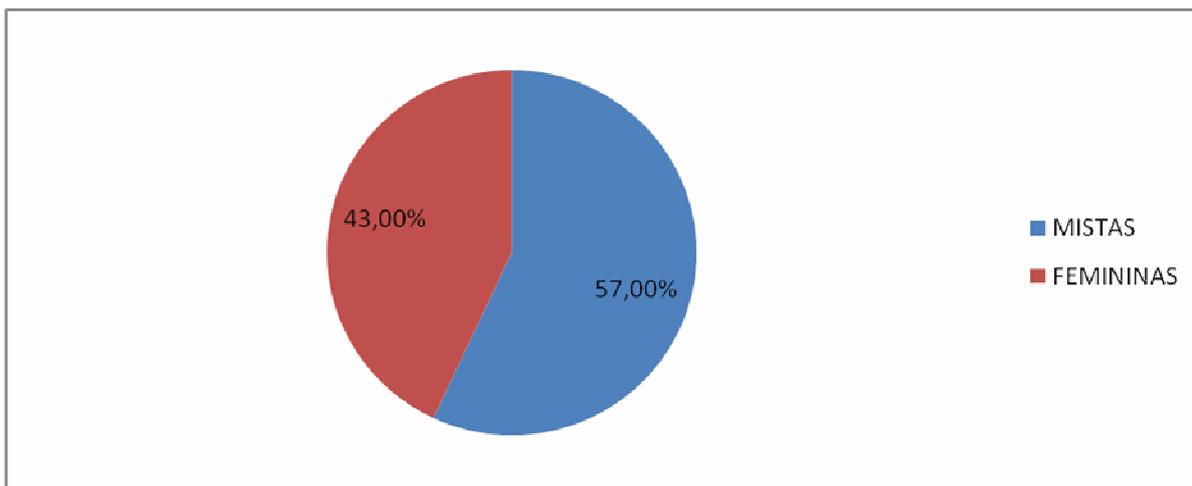
Fonte: Própria autora.

Dentre esses preconceitos várias gozações ou comentários pejorativos são mencionados as alunas durante as aulas de Educação Física, quando as alunas praticam o futebol/futsal, o nome mais citado é Maria - homem com 40% como mostra o gráfico 4.1. Estes dados indicam a disposição das meninas em praticar o futebol/futsal juntos com os meninos, mesmo com os preconceitos dos meninos em aceitá-las no jogo.

Do mesmo modo, Thorne (conforme citado por Altman 1998 apud Drido 2002, p.4), comparando a escola com grupos de amigos de bairros, concluiu que lugares mais populosos, como a escola, oferecem testemunhas em potencial e as gozações tornam as relações entre gênero mais arriscadas, aumentando a distância entre meninos e meninas, marcando fronteiras de gênero.

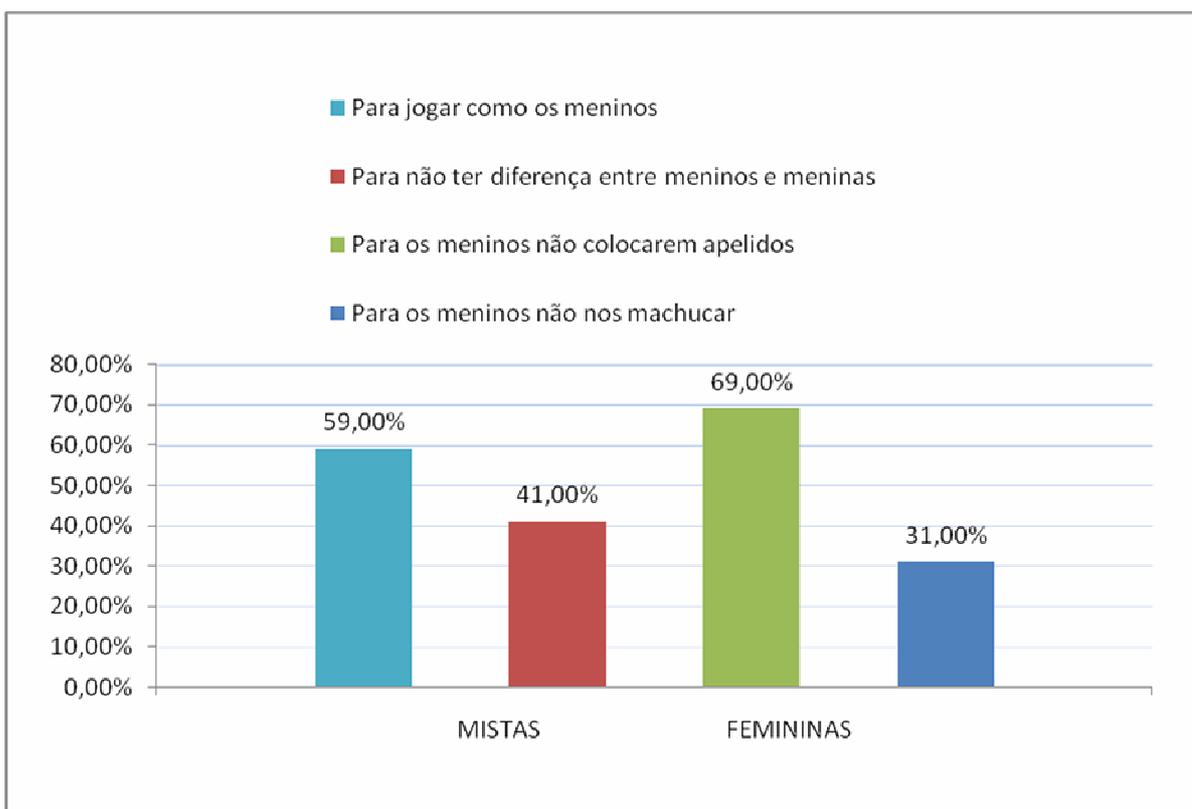
Ao chamá-las de *Marias-homem*, o menino afirma que o futebol é um esporte masculino, devendo ser jogado apenas por meninos. Vários autores referem-se ao esporte como meio de expressão da masculinidade (ALTMANN, 1999, p.21)

GRÁFICO 5 - Para que as meninas realmente possam aprender e vivenciar o futebol é importante turmas só de meninas ou turmas mistas?



Fonte: Própria autora.

GRÁFICO 5.1 - Por que turmas mistas?



Fonte: Própria autora.

Os resultados demonstram que 57% das alunas preferem vivenciar o futebol/futsal, de forma mista para realmente se aprender a jogar como os meninos como mostra a tabela 5.2 com 59% das respostas, porém 43% preferem vivenciar o futebol/futsal em turmas mistas, para não sofrerem nenhum tipo de preconceitos citados no quadro 5.3 com 69% das respostas.

Para as meninas, por sua vez, superar as expectativas e ser melhor que os meninos no esporte era uma honra, motivo de consagração que, em algumas ocasiões e entre alguns meninos, garantia-lhes legitimidade. Noutros momentos, porém, a desvalorização de sua prática esportiva e delas como mulheres era uma maneira de resistir ao abalo que sua presença nas quadras infligia ao domínio masculino daquele espaço. (Altmann 1998, p. 98-99).

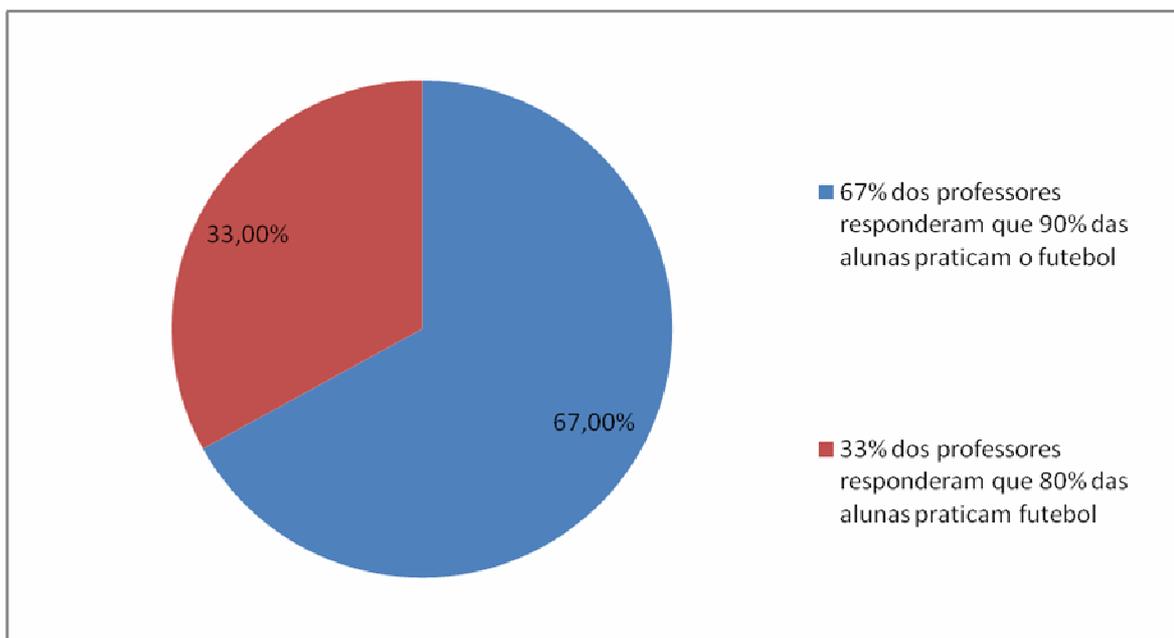
Os feitos esportivos, afirma Ljungqvist (1998 apud DRINKWATER, 2000), em grande parte, embora não por todos os esportes, têm por base a capacidade física, a força muscular e também a agressividade do indivíduo, essas características – explica a autora – são geralmente consideradas mais desenvolvidas em homens do que em mulheres.

A mulher, ao praticar o futebol, por vezes, é representada como masculinizada, sofrendo preconceitos decorrentes de uma visão que dita um modo dominante de feminilidade e beleza (FURLAN e SANTOS, 2008, p.10).

Aqui também podemos pensar na possibilidade de que, se o futebol feminino é invisível na mídia esportiva, então, as meninas têm pouca ou nenhuma identificação com as atletas de futebol. A identificação maior se dará com os jogadores, afinal são eles que defendem as cores do seu time e são eles os detentores da habilidade necessária para a prática dessa modalidade.

Resultados obtidos com os professores de Educação Física

GRÁFICO 6 - Qual a porcentagem de meninas que praticam futebol/futsal nas suas aulas de Educação Física?



Fonte: Própria autora.

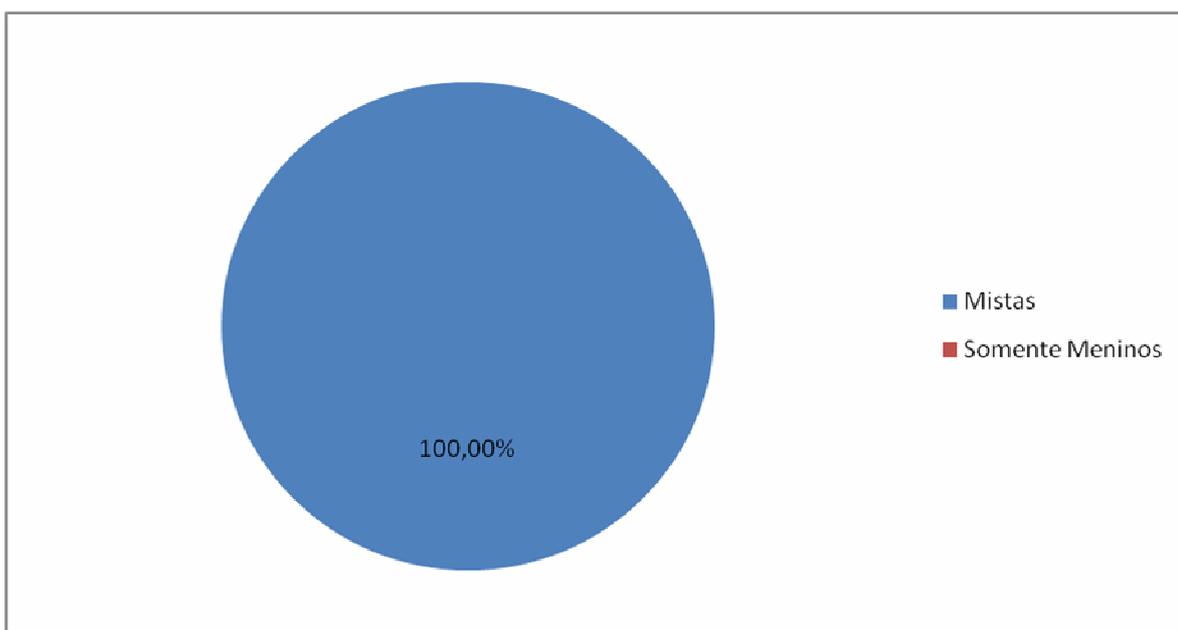
Os resultados mostraram que há grande participação das meninas no futebol/futsal na escola, sendo que 67% dos professores afirmaram que 90% das meninas

praticam o futebol nas aulas de Educação Física ,e 33% dos professores afirmaram que 80% das meninas praticam o futebol/futsal nas aulas de Educação Física.

Apesar de cada vez mais as mulheres virem se interessando pelo futebol e o praticando, vemos ainda discriminações relacionadas à sua inserção nesse esporte, mais do que em outros. Para Moura (2005, p.132 Hirota; Aventura 2007, p.2):a necessidade de analisar-se o futebol como área exclusiva masculina parte do pressuposto de entender-se também como se processa a construção dos papéis sociais colocados para a mulher, relacionando-a com o espaço de exclusão/inclusão no universo futebolístico.

Em nossa sociedade, os garotos são elogiados por sua competitividade e agressividade - e as meninas por sua submissão e charme. Em competições e eventos esportivos as diferenças entre homens e mulheres são dissipadas pelo desempenho e quebra de recordes reconfigurando a identidade feminina. A prática esportiva oferece um espaço para que as mulheres adquiram respeitabilidade e reconhecimento social, destruindo falsos estereótipos femininos associados à fraqueza física e psicológica (ALONSO, 2003; SOUSA e KNIJNIK, 2007).

GRÁFICO 7 - O futebol / futsal é desenvolvido em turmas mistas ou só para os meninos?



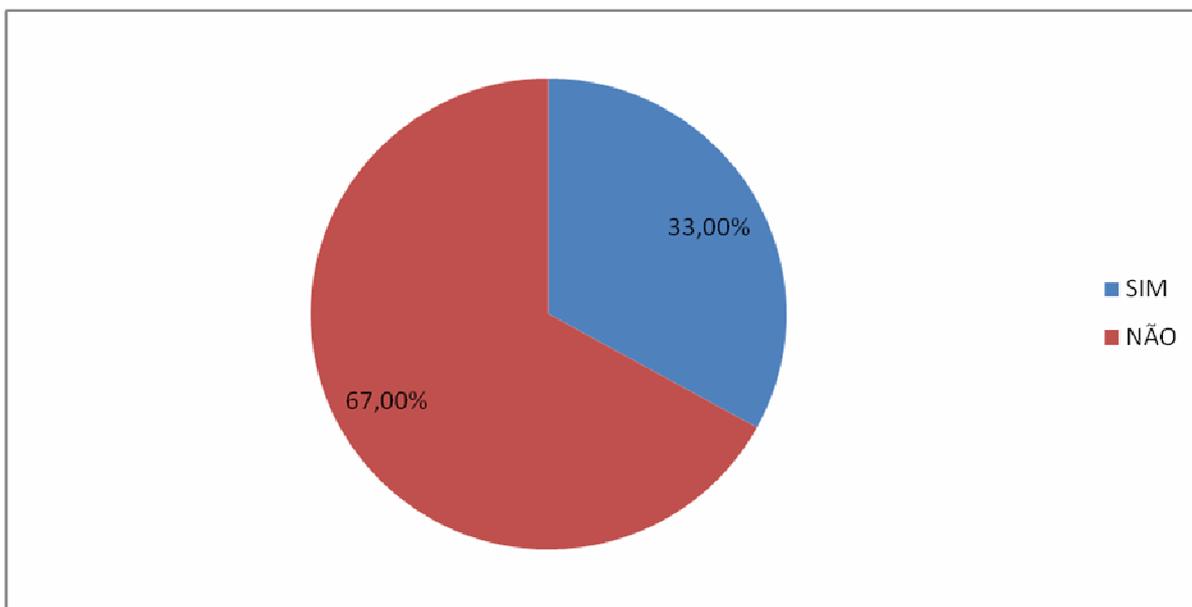
Fonte: Própria autora.

Todos os professores entrevistados afirmaram oferecer ao corpo discente o futebol misto. O tratamento diferenciado entre meninos e meninas, segundo Romero (1994 apud Darido ; Junior 2002, p.2), acaba resultando em um desempenho motor igualmente diferenciado.

Freire (1989 apud Devide ; Pereira 2008, p.4), um dos primeiros críticos desta separação , afirma que um dos principais argumentos utilizados para a separação por sexo nas aulas de Educação Física é biologicista e frágil, referindo-se a superioridade dos meninos em termos de capacidade física e habilidades motoras.

Altmann (1999, p.22) defende que a inserção feminina no meio esportivo, apesar de não significar o desaparecimento definitivo do domínio masculino, indica o grau em que esse domínio começa a ser combatido.

GRÁFICO 8 - Ao aplicar futebol misto nas aulas de Educação Física é importante que as regras sejam modificadas para inserir as meninas no jogo?

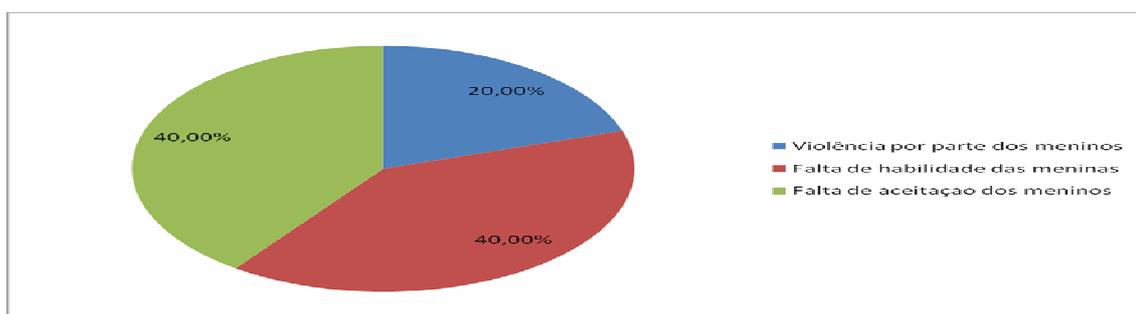


Fonte: Própria autora.

De acordo com o gráfico 3.1 podemos concluir que 67% dos professores não modificam as regras do futebol para inserir as meninas no jogo, as meninas vivenciam o futebol junto com os meninos, sem que haja modificações nas regras. Como afirma Louro (1997), modificar as regras do jogo pode representar uma forma de ajustar o jogo à "debilidade" feminina, mais uma vez consagrando-se a idéia de que o feminino é um desvio construído *com base* no masculino. Além disso, a exclusão é aí tratada como unicamente de gênero, e aqueles meninos excluídos com as regras oficiais continuam a enfrentar o mesmo problema quando as regras são adaptadas.

Para Devide e Pereira (2008), ao criar regras específicas que possibilitem uma maior participação feminina, pode quebrar a dinâmica do jogo, e as meninas podem ser "culpadas" por isso.

GRÁFICO 8.1 - Quais as dificuldades que você enfrenta ou imagina enfrentar ao planejar as suas aulas com o objetivo de aplicar o futebol para a turma mista?



Fonte: Própria autora.

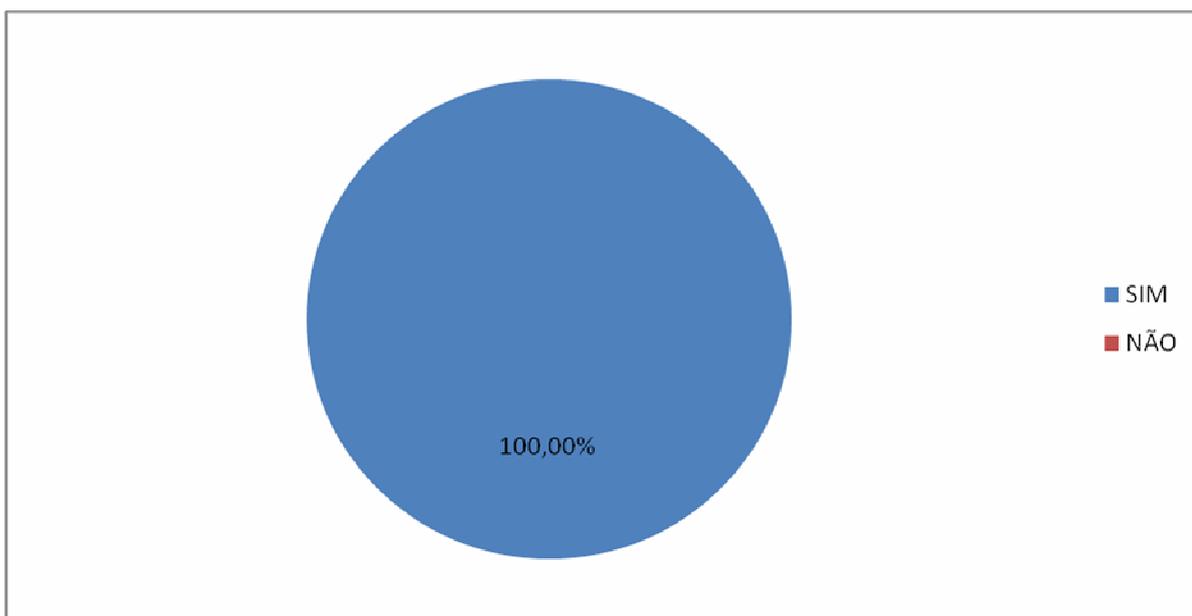
Pode se constatar que as maiores dificuldades dos professores em aplicar o futebol misto nas aulas de Educação Física é a falta de aceitação por parte dos meninos, quando praticam o futebol/futsal misto e a falta de habilidade das meninas.

Darido e Junior (2002, p.6) constata que, ao considerarem as meninas inabilidosas, meninos têm uma predisposição em não aceitar sua participação nos jogos. Os resultados também auxiliam na discussão desta questão quando lembram que o papel do futebol feminino na escola representa, para os garotos, mais uma ameaça do que um desafio. A expectativa dos alunos de que práticas e espaços esportivos são dominados por meninos colocava-os, de certa forma, numa obrigação de ser superiores às meninas, as quais eram, *a priori*, consideradas más jogadoras, necessitando demonstrar o contrário se quisessem jogar com eles.

Para Santos et al. (2008, p. 3), quando meninas jogam contra meninos, ao invés de estes sentirem-se desafiados, sentem-se ameaçados em sua masculinidade, por medo de serem vencidos, pois as meninas podem, em algum momento, superar as expectativas e apresentarem-se com grande habilidade para os esportes.

Também Altmann (1999, p.20) afirma que os esportes que envolvem a competição, a agressão e a violência, são considerados como a melhor iniciação à virilidade, pois é nesse espaço que o adolescente ganha "*status* de macho", mostrando publicamente seu desprezo pela dor, o controle do corpo, a força e a vontade de ganhar e esmagar os outros.

GRÁFICO 8.2 - Você acredita que trabalhar o futebol / futsal em turmas mistas na escola é uma maneira de quebrar o preconceito de gênero e contribuir para formação do cidadão com mais tolerância, aceitação e respeito pelas diferenças individuais?



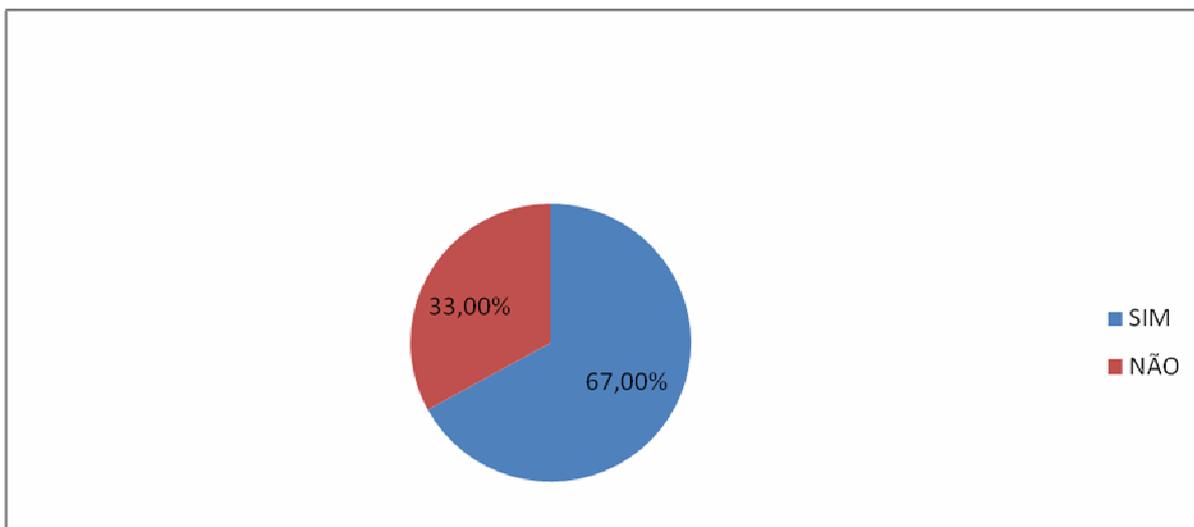
Fonte: Própria autora.

Para os professores entrevistados trabalhar o futebol/futsal misto é uma forma de quebrar o preconceito de gênero e contribuir para formação do cidadão com mais tolerância.

Devide e Pereira (2008, p. 5) entendem que a prática do futebol como esporte de equipe pode atuar como meio eficaz de ensinar aos jovens a tolerância e aceitação das diferenças individuais e, para isto, propõe uma série de procedimentos didáticos para os professores de Educação Física.

A Educação Física, por sua vez, não pode se recusar a colaborar com estes objetivos e funções na escola. Atualmente, entende-se a disciplina na escola como uma área que trata da cultura corporal de movimento e que tem como finalidade introduzir e integrar o aluno nessa esfera, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la, e, também, transformá-la (DARIDO, 2002, p.2).

GRÁFICO 9 - Você acredita que há um despreparo dos docentes para lidar com a questão de gênero nas aulas de Educação Física?



Fonte: Própria autora.

Os resultados demonstraram que 67% dos professores acreditam que há um despreparo por parte dos docentes em se relacionar com a questão de gênero presente nas aulas de Educação Física.

É importante lembrar que o processo de socialização das novas gerações não é simples nem pode ser considerado de modo linear ou mecânico. Ele é complexo, sutil e marcado por inevitáveis resistências individuais e grupais, bem como por profundas contradições.

Nesse processo a tendência conservadora lógica, presente em toda comunidade social para reproduzir comportamentos, valores, ideias, artefatos e relações que são úteis para a própria existência do grupo humano, choca-se inevitavelmente com a tendência, também lógica, que busca modificar os caracteres dessa formação que se mostram desfavoráveis para alguns dos indivíduos ou grupos que compõem o complexo e conflitante tecido social (SOUSA e ALTMANN, 1999, p. 9).

Além disso, Sousa e Altmann (1999, p. 9) lembram que cabe ressaltar que "a escola não opera no vazio; a cultura que ali se transmite não cai em mentes sem outros significados prévios". Os estudantes são seres com uma bagagem prévia de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos fora da escola.

4 CONCLUSÃO

Por meio deste estudo, foi possível identificar que as relações de gênero na Educação Física podem se estruturar como uma relação produtiva, possível e necessária para quebrar os preconceitos, pois a prática do futebol, como esporte de equipe, pode atuar como meio eficaz de ensinar aos jovens a tolerância e a aceitação das diferenças.

Porém ainda são diversos os preconceitos sofridos pelas alunas durante o futebol/futsal misto nas aulas de Educação Física, dentre eles várias gozações ou comentários pejorativos são mencionados as alunas durante as aulas como Maria - homem, Maria - mijona, perna de pau e hominha, o que demonstra que os preconceitos ainda estão presentes durante as aulas de Educação Física

Com relação às expectativas das alunas pela prática mista do futebol/futsal nas aulas de Educação Física podemos constatar, que a maior parte das meninas jogam futebol/futsal de forma mista nas aulas de Educação Física , o que pode se considerar como uma atividade formal do componente curricular, tanto para os meninos quanto para as meninas durante as aulas de Educação Física.

As maiores dificuldades encontradas pelos professores de Educação Física entrevistados, em elaborar e aplicar aulas de futebol/futsal para turmas mistas é a falta de habilidade das meninas e a falta de aceitação por parte dos meninos das meninas nas aulas de futebol/futsal misto.

São inúmeras as diferenças nos comportamentos entre meninas e meninos nas aulas de Educação Física, principalmente quando o tema é futebol/futsal, mas cabe ao professor identificar e estar atento a essas diferenças com a questão de gênero, para poder encontrar alternativas que possam minimizar essas questões em conjunto com os próprios alunos.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Marias (e) homens nas quadras: Sobre a ocupação no espaço físico escolar. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 157-174, 1999.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : Educação física /** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.96p. Disponível em: <http://www.if.usp.br/profis/pcnef/pcn5a8/pcn5a8educacaofisica.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2010.

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início á Prática Pedagógica. **Motriz**, v.08,n.2,p.1-7,11 de dezembro de 2002. Disponível em:

<http://www.rc.unesp.br/IB/efisica/motriz/08n2/Darido.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2010.

DARIDO, Suraya Cristina; JUNIOR, Osmar Moreira de Souza. Influências da cultura escolar no desenvolvimento de propostas co-educativas em aulas de Educação Física. *Motriz, Rio Claro, v.9, n.3, p.143-151, set./dez. 2003*. Disponível em: www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/09n3/09JOS.pdf - [Similares](#). Acesso em: 20 de abril de 2010.

FONTES, Julio César Mendes. As relações de gênero que permeiam meninos e meninas nas práticas do futebol. **Fazendo Gênero 8-Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST67/Julio_Cesar_Mendes_Fontes_67.pdf. Acesso em: 14 de março de 2010.

FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa. Futebol Feminino e as Barreiras do Sexismo nas Escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**, Ano XX, n. 30, p. 28-43 Jun./2008.

HIROTA, Vinicius Barroso; PAIANO, Ronê. A disciplina da teoria e prática do futebol identificando os conhecimentos dos graduandos e propondo um olhar sobre as fases de desenvolvimento. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – 2007, 6(2)::99-106.

HIROTA, Vinicius Barroso; SANTOS, Leonardo Barro; SILVA, Tatiane Duarte. Mulher no esporte: Uma visão sobre a prática no futebol. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – 2008, 7 (3): 119-125.

HIROTA, Vinicius Barroso; VENTURA, Thabata Santos. Futebol e salto alto: Por que não?. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – 2007, 6 (3): 155-162.

JUNIOR, Osmar Moreira de Souza; DARIDO, Suraya Cristina, A pratica do Futebol Feminino no Ensino fundamental, *Motriz*, Vol.8,n.1,p.1-9,Jan-Abr 2002. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n1/Moreira.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2010.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOARES, Juliana Sturmer. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo**, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar. 2007.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. O futebol feminino e sua inserção na mídia: A diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática** 10/1: 69-81, jan./jun. 2007.

MOREL, Márcia; SALLES, Jose Geraldo. Futebol Feminino. **Dacosta, Lamartine (org.) Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Confef, 2006

PEREIRA, Viviane Cristina Alves; DEVIDE, Fabiano Pries. Futebol como conteúdo generificado: uma possibilidade para discutir as relações de gênero. **Revista**

Digital - Buenos Aires - Ano 12 - N° 118, p. 1-7, Março de 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 14 de março de 2010.

SANTOS, Heliany Pereira; SILVA, Mario Moreno Rabelo; SILVA, Fernanda Gonçalves. As relações de gênero e o futebol nas aulas de educação física em Catalão Goiás. **Fazendo Gênero 8- Corpo, Violência e Poder**. p.1-9, Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: http://www.imv.org.br/concoce/trabalhos/comunicacoes/as_relacoes_de_genero_e_futebol_nas_aulas_de_educacao.pdf. Acesso em: 14 de março de 2010.

SOUSA, Estaquia Salvadora; ALTMANN, Helena. Meninas e Meninos: expectativas corporais e implicações na Educação Física Escolar. **Cadernos CEDES**. vol.19, n.48, p.52-68, Campinas Agosto, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2010.